

CRIANÇA EM FOCO: PARTICIPAÇÃO E ENVOLVIMENTO NOS PROJETOS DE TRABALHO¹

Ludmylla da Silva Morais (SME/CMEI Criança Cidadã)
Giselle Vitória de Godoi (SME/CMEI Criança Cidadã)
Daniela Maclina Costa Bomfim (SME/CMEI Criança Cidadã)
Mônica Aparecida Ramos Gomes (SME/CMEI Criança Cidadã)

Resumo: O presente texto apresenta algumas considerações acerca da construção e efetivação da Organização Curricular na Educação Infantil, tendo como pressuposto metodológico fundamental os Projetos de Trabalho e compreendendo a criança como foco. Durante a elaboração deste, foi imprescindível abordar a concepção de Currículo, criança, desenvolvimento infantil, de aprendizagem e sociedade, em que a Instituição de Educação Infantil de onde falamos acredita e vivencia. Concepções estas que são elucidadas em toda práxis pedagógica realizada no CMEI Criança Cidadã (RME – Goiânia) e, em especial, nos projetos de trabalho desenvolvidos junto às crianças nos agrupamentos.

Palavras-chave: criança, projetos de trabalho, concepções.

Introdução

À medida em que as políticas públicas para a Educação Infantil começaram a se estruturar em âmbito nacional, após a Constituição de 1988, é mencionado pela primeira vez o atendimento nas antigas creches como Educação Infantil. Mais tarde com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990) e com a LDB nº 9394/96, em que a primeira infância passa a constituir a primeira etapa da Educação Básica, ou seja, a criança pertencente à Educação Infantil passa a compor o cenário da Educação Brasileira, por intermédio dos estudos acadêmicos, rumo à lenta implementação dos direitos das crianças neste tempo da vida.

Diante de tantas conquistas pela e para a criança enquanto sujeito de direitos com vez e voz, o Tema Projetos de Trabalho na Educação Infantil, abordado neste texto, vem ganhando força nos estudos e pesquisas na área da educação e tem se tornado foco de estudos e investigações de estudiosos e pesquisadores na área da Educação Infantil.

Frente este cenário, de conquistas no que se refere às Políticas Públicas para a Educação Infantil, que o CMEI Criança Cidadã (Goiânia), por meio da Proposta Pedagógica da RME – Goiânia: Infâncias e Crianças em Cena: Por uma Política de Educação Infantil para

¹ Este trabalho foi elaborado para a III Semana de Integração da UEG, Câmpus Inhumas e apresenta algumas pontuações sobre Projetos de Trabalho no contexto da Educação Infantil – CMEI Criança Cidadã – Goiânia, parte de uma escrita maior da Proposta Político Pedagógica desta Instituição, que foi escrita sob a orientação e coordenação das professoras Ludmylla da Silva Morais, Mônica Aparecida Ramos Gomes e Daniela Maclina Costa Bomfim, e apresenta, ainda, o relato de experiência da Prof^ª. Giselle Vitória de Godoi, projeto coordenado pela Prof^ª. Mônica Aparecida Ramos Gomes.

a Rede Municipal de Educação de Goiânia, das Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil, LDB 9394/96, Resolução CME nº194, dentre outros documentos mandatórios, vem num movimento de caminhar e efetivar as concepções nas quais acredita e fundamenta toda sua Proposta Político Pedagógica.

Assim, esse texto tem como objetivo registrar e socializar a trajetória de construções, que vivenciamos cotidianamente neste espaço de aprendizados e significações. Construções estas que perpassam a ressignificação do EU de cada adulto que transita neste espaço, como profissional ou enquanto família, bem como o respeito e a valorização do Ser criança que compõe esse cenário como sujeito de direitos, com vez e voz, numa perspectiva sócio-histórica e dialética.

E, é nesse sentido que os Projetos de Trabalho tornam-se imprescindíveis como proposta metodológica e garantem, com coerência, a defesa de um Currículo Aberto e das concepções norteadoras de nosso fazer pedagógico.

A Organização Curricular e os Projetos de Trabalho

Ao pensar em uma educação emancipatória, que promova a educação de crianças de 0 a 6 anos, faz-se necessário pensar numa proposta formativa comprometida com uma perspectiva social democrática e que por sua vez, considere a criança, como sujeito, que atue nesse meio, como pequena cidadã, com o desenvolvimento de atitudes críticas, criativas, autônomas, responsáveis e capazes de agir no seu meio e transformá-lo.

Diante disso, o currículo tem como orientação básica as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RECNEI), as quais define que é “a partir das práticas educacionais organizadas em torno do conhecimento e em meio às relações sociais que se travam nos espaços institucionais, e que afetam a construção das identidades das crianças” (BRASIL, 2009).

Diante desse posicionamento político torna-se relevante propor um currículo que aspire em sua composição uma abrangência de desenvolvimento sob a perspectiva da dimensão sócio-cultural. Isto é, que reconheça a criança como sujeito histórico cujos fatores sócio-culturais as influenciem na construção de seus conhecimentos e se constituam por relações amplas e diversificadas: lugar onde mora, meio familiar, realidade econômica, laços de parentescos, experiência religiosa, saúde, lazer, relações de amizade, hábitos alimentares, assistência social entre outros.

Assim, a Educação Infantil diante desse contexto, tem sido considerada como um espaço importante na formação da vida da criança e de seu processo de aprendizagem. Em concomitância, o documento: *Infâncias e Crianças em Cena: Por uma Política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia* traz que o currículo para a Educação Infantil parte de dois fundamentos:

- a) toda a ação educativa deve ampliar e diversificar os conhecimentos das crianças a partir de vivências e experiências que possibilitem a produção de sentido por e com estes sujeitos;
- b) não prescreve conteúdos escolares, mas acima de tudo, reafirma a importância dos conteúdos da ação educativa no processo de produção e apropriação de conhecimentos. (GOIÁS, 2012, p. 51).

A partir desses pressupostos, o CMEI Criança Cidadã, busca caracterizar um currículo que atenda à diversidade de relações, privilegiando fatores sociais e culturais. E aliado a estes, por serem imprescindíveis à formação humana, os fatores sócio-afetivos.

A Educação Infantil proposta pelo CMEI Criança Cidadã além de “promover de forma qualitativa o seu processo de socialização, aprendizagem, desenvolvimento e formação humana” conforme nos aponta o documento *Infâncias e Crianças em Cena: Por uma Política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia* traz como desafio os seguintes objetivos:

- Propiciar experiências de interação social e vivências com outras crianças e com outros adultos em seus diferentes saberes e possibilidades culturais.
- Visar à formação de valores morais e éticos na relação com os diversos conceitos, diferentes conhecimentos, com autonomia, com o desenvolvimento físico e emocional.
- Desenvolver a imaginação, o pensamento simbólico, a criatividade, a formação do autoconceito e as diferentes representações da linguagem.
- Promover, de forma qualitativa, o seu processo de socialização, aprendizagem, desenvolvimento e formação humana. (GOIÁS, 2012, p. 60).

Assim sendo, o conceito de currículo que subsidia o fazer desta Instituição se caracteriza como um instrumento de organização pedagógica que traz em si um mapeamento das concepções, metodologia e ações que regem esse fazer. Por isso deve ser continuamente (re)pensada, (re)elaborada e (re)definida por todos envolvidos para garantir uma prática pedagógica reflexiva. E, isso se complementa, pois, segundo Rech (2006, p. 64-65),

para definir a organização curricular, é preciso fundamentar-se na Pedagogia da Infância, que terá como objeto de preocupação a própria criança: seus

processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. Uma concepção que instiga professoras a aprenderem com as crianças o diferente, o inusitado e a expor seus sentimentos e pensamentos, em que a ação de planejar, de organizar, de propor é de suma importância. No entanto, não deve ser centralizada na ordem disciplinar, conteudista ou nos moldes da escola. Deve, sim, ser redimensionada para que se possam conceber as crianças como agentes dessa transformação. Como sujeitos capazes de indicar caminhos e enfrentar desafios, respeitadas em suas particularidades.

Dentro dessa perspectiva, o currículo parte do interesse ou necessidade da criança(s) como forma de garantir o desenvolvimento emancipatório dos sujeitos, ou seja, é necessário partir de pistas do cotidiano, da escuta atenta das crianças e olhar atento do profissional de Educação Infantil e “para se efetivar um currículo que possibilite a ampliação, diversificação e complexificação dos conhecimentos pelas crianças é fundamental trabalhar com os conhecimentos cotidianos e científicos” (GOIÁS, 2012, p. 60).

Dentro dessa perspectiva, a metodologia dos projetos de trabalho contribui de modo relevante para direcionar e traçar um percurso pedagógico que garanta uma maior proximidade e respeito pelos interesses das crianças, suas falas, seus posicionamentos, bem como o de produzir conhecimentos, tanto científicos como não-científicos, pois

a pedagogia de projetos é uma possibilidade interessante em termos de organização pedagógica porque, entre outros fatores, contempla uma visão multifacetada dos conhecimentos e das informações. Todo projeto é um processo criativo para alunos e professores, possibilitando o estabelecimento de ricas relações entre ensino aprendizagem, que certamente não passa por superposição de atividades. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 53).

Por isso, os profissionais do CMEI Criança Cidadã, planejam atividades significativas considerando os propósitos, interesses, necessidades e curiosidades manifestadas pelas crianças de cada agrupamento, articulando-os aos saberes já conhecidos por elas, ampliando-os e complexificando-os, com os saberes formais para assim garantir o lugar do conhecimento desta instituição.

E, partindo da concepção de criança que se faz presente nessa discussão, esta é reconhecida como um ser com uma estrutura complexa, que se desenvolve a partir de relações entre a história individual e social, com necessidades próprias, com direito a ter direitos e que de modo significativo, criativo e desafiador expressa de modo competente frente as exigências que lhes são propostas. Uma criança que influi, contribui, marca presença, capaz de participar

e se envolver nos Projetos de Trabalho, bem como em toda sua aprendizagem e desenvolvimento.

Consideramos sua capacidade de questionar, de pensar, de opinar, de se movimentar, de fazer escolhas como sujeito sócio-histórico, nas relações estabelecidas entre e com o outro no processo dinâmico de vivenciar, experienciar e de se apropriar de conhecimentos compartilhados num movimento de mutualidade.

Tal perspectiva considera ainda, a possibilidade de tensões, de mudanças, de avanços e de retrocessos, no movimento que compreende a criança como co-construtora do conhecimento, da identidade e da cultura.

Portanto, para a efetivação desse currículo, principalmente, por intermédio dos Projetos de Trabalho, é necessário que todos (as) os (as) educadores (as) da instituição estejam comprometidos (as) com uma construção da prática pedagógica influenciada por uma concepção de educação articulada com um processo, que se faz pelo diálogo e mediação com o mundo e com os outros que estão a sua volta.

Relato de experiência: Projeto de Trabalho – Pra Que Serve o Meu Umbigo? O Corpo e Seu Desenvolvimento. Profª Giselle Vitória de Godoi – Agrupamento de 2 anos.

As atividades do projeto iniciaram-se no dia 16 de abril de 2013. A partir da problemática sobre a existência e funcionalidade do umbigo, surgida num ambiente propenso à liberdade de criação pelo brincar, fomos tecendo o projeto, juntamente, com as crianças. Em roda de conversa relembramos a curiosidade despertada e buscamos conhecer os conceitos prévios dessas crianças a respeito do tema. Diante do espelho observamos a existência do umbigo concluindo a presença dele em cada um do agrupamento. Assim, lançamos a pergunta: “*Vimos que todos nós temos umbigo. Mas por que o temos? Pra que ele serve?*” (Professora). A maior parte das crianças usou a imaginação para responder à pergunta: “*Serve pra escrever!*”; “*Pra ficar na baiga.*”; “*Pá pô ropa*”; “*Calçar chinela.*”; “*Pô bincu.*”. Apenas uma criança afirmou não saber e outra que o umbigo não servia para nada.

A partir dessas informações abordamos o desenvolvimento do corpo desde a sua formação. As crianças visualizaram imagens da gestação e assistiram a um vídeo, percebendo a existência do cordão umbilical e sua função nesse processo, bem como a formação das diversas partes do corpo. Duas crianças do agrupamento, irmãs gêmeas, riram muito ao verem a imagem de bebês univitelinos na gestação. “*Oh, eu e a irmãzinha!*”.

Como curiosidade, indagamos a existência do umbigo nos animais. Apresentamos imagens de cachorrinho, elefante, golfinho e gato no período da gestação destacando o cordão umbilical e fotos mostrando a cicatriz nesses animais já adultos. Trabalhamos também com a história “Rolim” (ZIRALDO, 2009) sobre um umbigo redondinho e cheio de sonhos.

Recebemos relatos de pais de que suas crianças ficavam tentando ver seus umbigos e uma que questionou sobre como foram colocados na barriga e quem é que tirou. Uma mãe ao saber do projeto disse rindo: *“Ah, por isso que minha filha ficou querendo ver meu umbigo e quase arrancou meu piercing!”*. No período a mãe de uma criança estava grávida. Ela foi convidada para fazer uma participação especial nas nossas atividades, mas infelizmente não foi possível. Contudo, ela foi citada nas rodas de conversa no agrupamento e a criança dessa mãe expos suas expectativas sobre a gravidez e quanto à chegada de uma nova irmãzinha.

Aprendemos e analisamos a música “De Umbigo ao umbiguinho” de Toquinho reafirmando a função do cordão umbilical para alimentação do bebê e o surgimento do umbigo, uma cicatriz do cordão umbilical. Também abordamos a importância de uma alimentação saudável tanto da mãe grávida quanto da criança após o nascimento para o desenvolvimento do nosso corpo, o que contribuiu ao enriquecimento da alimentação das crianças nas refeições da instituição, como a maior aceitação de verduras e frutas. Um questionário sobre “Alimentação saudável” havia sido enviado às famílias anterior ao projeto e foi retomado nas discussões.

Em continuidade, focamos o desenvolvimento das noções do esquema corporal ressaltando os termos corretos dados a cada parte do corpo. Montamos coletivamente, de papel, um corpo com suas partes destacadas (cabeça, tronco e membros) e construímos um bebê de jornal com umbigo e cordão umbilical. As crianças se envolveram bastante nessas construções manifestando suas curiosidades e dúvidas: *“Tronco do corpo de árvore?”*; *“Tenho um, doissi baço.”*; *“Umbigo é pá comê!”*; *“Ó ti, neném tem codão biical.”*; *“Eu não tenho pele e nem osso!”* (Comentário feito durante a montagem do bebê de jornal); *“Cadê o tchutchu do neném?”*. Além dessas atividades manuais realizamos brincadeiras cantadas que contribuíram para o conhecimento do corpo como “Boneca de Lata” de Bia Bedran, “O mestre mandou” e “Tá pronto seu Lobo?” de Edinho Paraguassu. Dentre as histórias trabalhadas conhecemos a história “Os dez amigos” (ZIRALDO, 2005) que nos apresenta as mãos e seus dedinhos.

Durante uma roda de conversa sobre a quantidade de braços, pernas, cabeça e olhos, que nós temos, uma criança comentou que *“Quando a gente tá sem corpo a gente não anda...”*, referindo-se a um velhinho que viu na rua ao passear com os pais e que só tinha uma perna. Ela

explicou que o “vovozinho” tinha caído e ficou só com uma perna e não conseguia mais andar. Aproveitamos a situação e conversamos sobre as diferenças, sobre algumas deficiências e, sobretudo sobre o respeito que temos que ter com todos. Lembramo-nos da criança no nosso agrupamento com NEE que com suas especificidades deve ser respeitada, cuidada e amada.

No desenvolvimento do projeto as crianças puderam conhecer as fases da vida. Percebemos através das atividades de registro e nas rodas de conversa a compreensão delas perante essas fases conseguindo reconhecer-se como criança e também as identificando nas pessoas de seu convívio: “*Tia Giselle é adulta; a madrinha é adulta...*”; “*Eu sou dolescente... não tia, sou criança!*”; “*Olha na revista o idoso!*”.

Outro aspecto abordado no projeto foi o gênero sexual; menino/masculino, menina/feminino. Realizamos atividades coletivas separando grupos de meninas e meninos; e com um rolo de papel higiênico, pedaços de tecido, uma bola de isopor e um palito de picolé cada criança pôde elaborar um boneco de acordo com o seu gênero sexual. Percebendo nessa construção os elementos e características gerais de cada gênero. Nas diversas atividades promovidas entremeamos as noções das cores e formas.

Além dos aspectos físicos abordamos a questão da higiene focando o banho e a escovação. Conhecemos a história “O Rei Bigodeira e sua banheira” (WOOD, 2007) e depois fizemos uma dramatização com as próprias crianças em uma banheira cheia de bolinhas coloridas. Foi uma atividade muito significativa em que as crianças puderam representar os personagens expressando suas opiniões e compreensão da história como forma de brincadeira. Trabalhamos com as músicas “Banho é bom”, “Ratinho escovando os dentes” e “Lava uma mão” do Castelo Rá-Tim-Bum que foram vivenciadas nos momentos de higienização como o banho e lavagem das mãos antes do almoço. A partir das discussões sobre a higiene as crianças puderam desenvolver sua autonomia e suas noções dos cuidados com o corpo.

No enfoque da escovação refletimos sobre a importância do cuidado com os dentes a partir de dramatizações de fantoches, elaboração de cartazes, experimentações com uma arcada dentária em tamanho grande, vivências de escovação diante do espelho e visualização de imagens de dentes com cárie. Conhecemos a história “A escovinha triste” (RIBEIRO, 2001) aprendendo que também devemos cuidar bem da nossa escova para que os nossos dentes fiquem saudáveis.

Finalizamos o projeto com uma exposição interna com os materiais produzidos, relatos e fotos das vivências para os familiares, comunidade e toda a instituição e retomamos a problemática para reflexão. Proporcionando, assim, um momento de interação da família

junto às suas crianças de reviver na memória os desenvolvimentos, conquistas e aprendizagens, perpassando pelos fios do projeto tecido por cada um do agrupamento. O projeto encerrou-se no dia 26 de setembro de 2013.

Algumas Considerações

Assim, os projetos de trabalho precisam elucidar e contemplar as curiosidades, necessidades das crianças. E mais, precisam romper com os paradigmas do senso comum gerando, construindo, num movimento descentralizador (não adultocêntrico), novos conceitos e conhecimentos científicos, cumprindo o desafio de ampliar, diversificar e complexificar os conhecimentos que as crianças já trazem consigo, de modo que elas possam conhecer e reconhecer-se como co-partícipe de sua aprendizagem e desenvolvimento no processo de escolarização não tradicional.

Referências

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos à complexidade. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 56-69, jan./jun. 2006.

_____; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394**: de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Brasília: MEC, 2009.

GOIÁS. Secretaria Municipal de Educação. **Infâncias e Crianças em Cena**: por uma política de educação infantil para a rede municipal de educação de Goiânia. Goiânia: SME, 2012.

KRAMER, Sônia (Org.). **Com a Pré-Escola nas Mãos**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In: TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992, p. 23-33.